

O recrutamento na pesquisa sobre o Zika em Recife/PE: Quando pesquisados e pesquisadores se encontram¹

Mariana E. Petruceli (UnB)

Palavras-chave: Antropologia da Ciência; Recrutamento; Pesquisa Clínica.

Resumo

A epidemia de Zika na Região Metropolitana de Recife afetou principalmente famílias de baixa renda, pretas e pardas, levando a uma mobilização científica e social para compreender e enfrentar a doença. Em um cenário de emergência sanitária, pesquisas científicas se multiplicaram, mas surgiram desafios na relação entre pesquisadores e “pesquisados”. A partir de incursões etnográficas em Recife, pretendo apresentar algumas discussões em torno do recrutamento e manutenção de sujeitos de pesquisa no cenário da formulação da resposta científica ao vírus Zika (VZ) e a Síndrome Congênita do Vírus Zika (SCVZ), tudo sob a luz de teóricos da Antropologia da Ciência, Tecnologia e Saúde.

1. Introdução

A epidemia de Zika na Região Metropolitana de Recife (RMR), que ocorreu entre 2015 e 2017, afetou majoritariamente famílias de baixa renda, pretas e pardas, com baixa escolaridade e moradoras de bairros historicamente negligenciados pelo Estado (Lesser e Kriton, 2016). À época, uma diferente gama de atores se mobilizou para buscar compreender essa “nova” doença e suas repercussões reprodutivas: profissionais de saúde, pesquisadores de diversas especialidades, servidores do estado.

A priori, a reação institucional e governamental fomentou o surgimento de inúmeras pesquisas em institutos estatais, privados, nacionais e internacionais. Com isso, cientistas e profissionais da saúde de diferentes especialidades se organizaram para formular uma resposta científica para o aumento de casos de microcefalia e o surgimento de uma arbovirose ainda desconhecida pela ciência brasileira.

Somado a isso, e como descrito por Débora Diniz (2016), as famílias também estavam produzindo conhecimento, nesse caso experiencial, em relação à epidemia de Zika. As famílias, com o conhecimento adquirido no cotidiano com as crianças com microcefalia em decorrência do Zika Vírus produziam o que a pesquisadora chama de

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

“ciência doméstica”. Esse conhecimento, assim como o dos cientistas, circulou entre pares e auxiliou na construção de uma resposta à epidemia em vigor.

À época, a resposta científica foi formulada a partir do encontro da classe científica com essa parcela da população a partir de mutirões de saúde, pesquisas clínicas e acompanhamento periódico em projetos que, por vezes, mesclavam a assistência clínica e a pesquisa científica. No entanto, a relação entre esses dois principais atores na construção das Ciências do Zika não foi pacífica. Com o passar do tempo e o andar das pesquisas científicas, as mães de crianças com microcefalia passaram a se queixar de aspectos da relação com a ciência e os pesquisadores, tais como a falta de compartilhamento de resultados de exames, a falta de respostas sobre a síndrome, a difícil comunicação com os pesquisadores, dentre outros. Por outro lado, os cientistas também passaram a demonstrar seus descontentamentos frente à relação com as famílias que integravam seus projetos, a maior e principal queixa se referia à desistência e ao abandono dos projetos por parte dos sujeitos de pesquisa, bem como a dificuldade inicial de convencer possíveis sujeitos a adentrarem seus projetos.

Desde 2018, equipes de antropólogas, coordenadas pela professora Soraya Fleischer da Universidade de Brasília (UnB), vêm fazendo um esforço de compreender a construção do que chamamos de Ciências do Zika em Pernambuco – a produção de conhecimento científico em resposta à epidemia do vírus Zika na região. Adentrei ao grupo em meados de 2021, ainda na graduação, e, atualmente no mestrado, integro o projeto “Uma Antropologia da ciência do Vírus Zika: resultados, retornos e epistemologias” junto a outras colegas, financiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP/DF) e igualmente coordenado por Soraya Fleischer. Ao longo dos últimos anos, Thais Valim, Isadora Valle, Laura Coutinho, Isabella Barbosa, Caroline Franklin, eu e outras pesquisadoras realizamos viagens a Recife para entrevistar pesquisadores do Zika e melhor compreender o cenário científico local (ver Valim, 2017; Knihs, 2020; Simões, 2022; Valle, 2023, dentre outras).

Durante minha incursão etnográfica em Recife, em maio de 2022, tive a oportunidade de dialogar com pesquisadores e profissionais da saúde de diferentes especialidades, instituições e abordagens². A questão do recrutamento se mostrou

² Somadas às 16 entrevistas que realizei em maio de 2022 com cientistas e pesquisadores da área da saúde, e artigos e demais materiais produzidos pelos meus próprios interlocutores, ao longo do *paper* utilizei também os dados coletados em viagens a Recife feita por minhas colegas de pesquisa entre 2022 e 2023.

presente nesses espaços de diálogo, bem como a manutenção das famílias nos projetos de pesquisa. O recrutamento, parte essencial da pesquisa biomédica, se configurou nesse campo como uma questão perpassada por diferentes descompassos de poder, dissonâncias entre as famílias pesquisadas e os cientistas e, inclusive, discordâncias entre os próprios pesquisadores. Por isso, resolvi, a partir deste *paper*, iniciar minhas análises sobre o tema.

Com isso, pretendo introduzir o cenário de recrutamento como exposto por meus interlocutores, demonstrando algumas das dificuldades encontradas no processo e maneiras para driblar esses empecilhos. Na primeira seção apresentarei uma breve exposição da pesquisa em saúde na Região Metropolitana de Recife, demonstrando a intensidade do processo de investigação sobre o vírus e da nova síndrome. Depois, abordarei uma discussão teórica sobre o recrutamento, uma importante fase da pesquisa científica em saúde que já é tema de interesse de outros cientistas sociais e antropólogos. E, por fim, trarei relatos de campo, para, assim, mostrar algumas técnicas de recrutamento utilizadas pelos meus interlocutores, além de apresentar as dificuldades para manter o engajamento dos sujeitos nas pesquisas.

2. A pesquisa do Zika em Recife

Impulsionados pelo decretamento de estado de emergência em saúde pública de importância nacional (ESPIN) – e posteriormente de importância internacional (ESPII) – , muitos cientistas adentraram no campo de pesquisa sobre o VZ e a SCVZ durante o começo da epidemia, em 2015.

De acordo com Matos e Silva (2020), isso decorre, em parte, devido ao crescente fomento a pesquisas realizadas não apenas pelo Estado de Pernambuco, mas também no âmbito Federal, e por agências/organismos internacionais e fundos privados. Desse modo, a capital pernambucana foi palco de empreendimentos científicos variados, com grupos igualmente sortidos, por vezes integrados por médicos de diferentes especialidades, assistentes sociais, cientistas sociais e profissionais da reabilitação – tais como fonoaudiólogos, fisioterapeutas, psicólogos etc. A ver, entre os anos de 2015 e 2018, havia cerca de 90 projetos de pesquisa relacionados ao tema apenas na Região Metropolitana de Recife (Simas, 2020).

O primeiro grande empreendimento científico se deu a partir da parceria entre a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) e o Ministério da Saúde que, em Tratado de Cooperação, investiram em um estudo de caso-controle encabeçado pelo Centro de

Pesquisas Aggeu Magalhães (CPqAM/Fiocruz). Tal pesquisa tinha o intuito de investigar a correlação entre o vírus Zika e a microcefalia/SCVZ ainda em 2015.

Posteriormente, o que se viu foi um *boom* no surgimento de projetos científicos a partir de uma intensificação do lançamento de editais de fundos e organizações variadas, que levaram ao surgimento de redes e grupos de pesquisa, consórcios internacionais, pesquisas em centros de reabilitação, graduações e pós-graduações de diversas universidades públicas e privadas no estado, no país e no mundo.

O contexto da pesquisa sobre o Zika em Recife, apesar de possuir inúmeras especificidades, se assemelha a epidemias outras, como a de Ebola e HIV/Aids, em um ponto: a formulação de um *open-source anarchy* dos problemas em saúde. De acordo com Biehl (2017), que toma o termo emprestado do Fidler (2007), o que se cria em momentos assim é “um espaço político no qual novas tecnologias médicas, ideias, estratégias, regras, esquemas distributivos e a ética prática da assistência médica estão sendo montados, experimentados e improvisados por uma ampla gama de partes interessadas”³ (Biehl, 2017, p. 130).

Com um cenário de urgência desmedida devido ao crescente número de nascidos com microcefalia, aliado ao desconhecimento em relação ao “novo” vírus, o campo científico recifense foi se tornando hiper populoso. Em casos assim, Biehl (2017) observa que os supostos beneficiários destes empreendimentos científicos são usualmente invisibilizados e são pintados como se fossem receptivos a intervenções científicas sem quaisquer críticas.

Em uma conjuntura repleta de cientistas, com muitas pesquisas em andamento e uma constante busca por interlocutores, as famílias – supostas beneficiárias das pesquisas em andamento – frequentemente se queixavam do assoberbamento causado pelas constantes abordagens realizadas pelos cientistas. Essa sobrecarga, aliada a queixas relativas à difícil compreensão dos documentos relacionados ao processo de consentimento e a falta de retornos por parte dos pesquisadores, levaram algumas das

³ Tradução própria, do inglês “(...) a policy space in which new medical technologies, ideas, strategies, rules, distributive schemes, and the practical ethics of health care are being assembled, experimented with, and improvised by a wide array of deeply unequal stakeholders within and across countries” (Biehl, 2017, p. 130).

famílias a abandonarem pesquisas em andamento ou, sequer, integraram os projetos inicialmente (Fleischer e Lima, 2020).

Como expõe Epstein (2008 em “The rise of recruitmentology: clinical research, racial knowledge, and the politics of inclusion and difference”, todos os cientistas estão passíveis das dificuldades em adquirir materiais para que suas pesquisas ocorram conforme o planejado. No caso da pesquisa de Epstein, realizada nos EUA, há um debate sobre a necessidade de diversificação étnica em ensaios e pesquisas clínicas, e isso vem demonstrado uma intensa dificuldade entre os recrutadores para angariar sujeitos de pesquisa. No caso da pesquisa sobre o Zika em Pernambuco, esse não foi um empecilho, no entanto as dificuldades para a realização das pesquisas ocorriam devido a uma série de fatores, entre elas o escasso financiamento público. Apesar do “boom” de financiamentos e editais que mencionei acima, não foram poucos os relatos que eu e minha equipe escutamos de dificuldades em adquirir reagentes químicos, maquinário, pessoal e verbas durante a epidemia de Zika. No entanto, entre tantas adversidades, uma das dificuldades me chamou a atenção: a de encontrar e manter sujeitos em suas pesquisas.

2.1. Sobre recrutar

A partir da influência da teoria ator-rede (Callon, 1986; Latour, 1987), ficou notoriamente conhecido entre aqueles que realizam estudos sociais sobre ciência e tecnologia que um bom empreendimento científico depende do que os autores chamam de “*enrollment*” – a meu ver, o termo poderia ser traduzido para algo próximo de “adesão”, “articulação” ou, até mesmo, “recrutamento”. Nesse sentido, em relação às obras de Callon (1986) e Latour (1987), Epstein (2008) aponta que esse processo se dá quando “os cientistas constroem fatos e ampliam o alcance de suas ideias envolvendo pessoas e objetos por trás de sua proposta, atribuindo a eles papéis distintos no processo de produção de conhecimento⁴” (Epstein, 2008, p. 803)

O recrutamento de sujeitos de pesquisa é base para toda a cadeia de produção científica em saúde – bem como de áreas como a própria Antropologia que depende, na maior parte do tempo, da construção e estreitamento de laços com os interlocutores para seu fazer científico. Os pesquisadores da biomedicina, em ambientes acadêmicos ou

⁴ Tradução própria, do inglês “Scientists build facts and extend the reach of their claims by enlisting people and objects behind their banner and assigning to them distinct roles in the knowledge production process”.

comerciais, precisam convencer seres humanos a se tornarem sujeitos de suas pesquisas e oferecerem seus corpos – ou, como no caso das pesquisas sobre o Zika, o corpo de seus filhos –, para a investigação e manipulação médica (*idem*).

A constante adesão desses sujeitos ao longo do processo da pesquisa é igualmente importante para a validação do conhecimento produzido. Nesse sentido, os pesquisadores têm de praticar técnicas de convencimento não apenas para convidar possíveis interlocutores, mas também mantê-los pelo tempo necessário para que a pesquisa se encerre e sua produção seja validada. No caso das ciências do Zika, tanto o recrutamento, quanto a manutenção dos sujeitos de pesquisa parecem ter se mostrado tarefas difíceis e, na próxima seção, veremos alguns relatos que apontam para tal hipótese.

No entanto, apesar dos estudos sobre recrutamento estarem se tornando um campo cada vez mais povoado (Jordan, 2002; Fischer, 2005; Epstein, 2008; Castro, 2020), não há fórmula mágica para estabelecer essa relação. No caso das pesquisas realizadas sobre o vírus Zika e a Síndrome Congênita do Vírus Zika, o recrutamento ocorreu de diferentes formas. Na próxima sessão, me debruçarei sobre as técnicas de recrutamento mais comentadas entre meus interlocutores.

3. Sobre as técnicas de recrutamento em Recife/PE

Como citado anteriormente, os primeiros grandes estudos relacionados ao Zika se deram a partir de uma parceria entre a OPAS, o Ministério da Saúde do Brasil e uma importante instituição pernambucana: o Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães (CPqAM/Fiocruz). Nestas pesquisas, o interesse era pela realização de um estudo de caso-controle com crianças cujas mães haviam sido infectadas pelo vírus durante a gestação, com o intuito de entender se havia (a agora confirmada) relação entre a infecção de gestantes pelo vírus Zika e o preocupante aumento no número de nascimentos de crianças com microcefalia na região. Além desse estudo, os pesquisadores iniciaram uma coorte epidemiológica com o intuito de saber mais sobre a Síndrome Congênita do Vírus Zika e desenvolver protocolos terapêuticos a partir do mapeamento dos sintomas que surgiriam com o passar do tempo.

Como a epidemia era recente, grande parte dos participantes das pesquisas encabeçadas pelo CPqAM/Fiocruz foram recrutadas durante a gestação. Jonas⁵, médico

⁵ Para fins de proteção do anonimato garantido via TCLE durante minhas interações com os cientistas e profissionais da saúde, utilizarei pseudônimos no lugar de seus nomes reais.

infectologista há mais de 30 anos e um dos integrantes do grupo de pesquisa que se formou para responder à demanda da OPAS e do Ministério da Saúde, descreveu como o processo de recrutamento ocorreu em seu projeto:

“Começou a gravidez? Aí a gente ia nos lugares onde começava o pré-natal e recrutava essas mulheres, perguntava se elas aceitavam entrar no estudo. E elas eram acompanhadas para saber: primeiro, se elas já tinham Zika ou se elas adquiriram Zika durante a gravidez. As que adquiriram Zika, a gente acompanhava os bebês e as que não, também. Esse estudo tinha os desfechos: “nasceu com Zika”, “nasceu com microcefalia” ou não.”
(Tomo de entrevistas da equipe, 2023, p. 511)

Além do recrutamento de gestantes e bebês intraútero, as pesquisas realizadas pela equipe do CPqAM/Fiocruz também trabalharam pelo recrutamento de puérperas e recém-nascidos, como conta Neusa, uma biomédica por volta dos 50 anos:

“[...] No primeiro momento já que era para recrutar os bebês, os recém-nascidos, com microcefalia e seus controles. Então, a gente precisava, tinha a equipe central que estava pensando a pesquisa, elaborando o protocolo e tinha uma coordenação de campo. Então, tinha a necessidade de ir para campo, de ir para os hospitais da área metropolitana.”
(Tomo de entrevistas da equipe, 2023, p. 61)

Nesses hospitais, os pesquisadores de campo do CPqAM/Fiocruz faziam um levantamento das gestantes, das puérperas e dos recém-nascidos em busca de possíveis sujeitos de pesquisa. Como um dos estudos realizados por esta equipe se configurava enquanto um estudo de caso-controle, os sujeitos de pesquisa tinham características específicas: deveriam ser mulheres grávidas ou puérperas, que foram infectadas pelo Zika antes ou durante a gravidez e seus bebês com microcefalia ou não, além de outros indivíduos para compor um número representativo para o contraste imprescindível à modalidade de pesquisa.

Os estudos de caso controle são uma importante ferramenta da epidemiologia e são frequentemente utilizados para compreender melhor doenças raras ou, como no caso do Zika, epidemias e “novas” patologias. No caso do Zika, a “nova” doença trouxe preocupação extrema não apenas para os cientistas e organismos sanitários, mas, principalmente, para as famílias de crianças que nasceram com microcefalia e que nada sabiam sobre o vírus e suas implicações futuras.

Nesse sentido, a emergência sanitária em decorrência do vírus Zika se assemelha mais uma vez ao cenário científico que se formou em resposta à epidemia de HIV/Aids nos Estados Unidos nas décadas de 1980 e 1990. Como exposto em “The Construction of Lay Expertise: AIDS Activism and the Forging of Credibility in the Reform of Clinical Trials” por Steven Epstein (1995), muitas pessoas se voluntariaram para as pesquisas clínicas porque buscavam saber mais sobre a doença que vinha sendo mapeada ou mesmo para terem acesso a tratamentos e exames. No contexto do Zika não foi muito diferente, como Rosana Castro (2020) já postulou, a precariedade dos sistemas de saúde e no acesso a atendimento, tratamento e terapias abrem portas para a situações como esta. Uma vez que, não tendo acesso ao tratamento necessário pela rede de saúde, os pacientes passam a integrar projetos de pesquisa com a promessa de um devido tratamento especializado.

Como Soraya Fleischer (2022) relata em “Fé na ciência: Como as famílias de micro viram a ciência do vírus Zika acontecer em suas crianças no Recife/PE”, as mães participavam das pesquisas, em partes, porque viam naquele empreendimento uma possibilidade de ter acesso ao tratamento clínico, terapêuticas e mais conhecimento sobre a condição de seus filhos. De acordo com a autora:

As famílias tentavam aproveitar os projetos de pesquisa, sabendo que aconteciam dentro de instituições de saúde e de ensino, ambos de difícil acesso. Então, as propostas científicas vieram junto com oportunidades clínicas (Castro, 2020), dentro de instituições públicas e privadas. (Fleischer, 2022, p. 180)

No entanto, esse não era o caso de todos os perfis necessários para a realização de um estudo como os propostos pela equipe do CPqAM/Fiocruz. Fernanda, uma pediatra do mesmo grupo, nos contou que recrutar mães e seus filhos saudáveis era mais difícil e a adesão era muito baixa, uma vez que estas não viam possíveis “retornos” próprios para a pesquisa feita no corpo de seus filhos.

Essa busca por assistência clínica facilitou o recrutamento para a pesquisa realizada pela equipe de Dênis. O neonatologista, que foi entrevistado por Thais Valim e eu em 2022 e, posteriormente, por Laura Coutinho e Soraya Fleischer em 2022, atuava como pesquisador e médico em um instituto onde funciona uma das maternidades de referência na região. Com o aumento no nascimento de bebês com microcefalia – e a posterior correlação entre o vírus e as malformações fetais –, muitos pacientes e possíveis sujeitos de pesquisa foram encaminhados para o médico.

“[...] Então o que que acontecia, vinha todas as pacientes com sinais de sintomas, né? Eram encaminhadas aqui pra gente fazer o ultrassom. Então, por exemplo, como a gente já tem uma demanda normal, natural aqui do pessoal da enfermaria, das pacientes que vêm, a gente aqui cuida mais de mal formações fetais, então a gente já tem essa demanda que é grande. Com o Zika aumentando, a gente queria ficar acompanhando para ver a evolução da biometria do feto, a gente media a cabeça, o corpo, o tórax, a perna, e a gente tinha que ficar fazendo isso de 15 em 15 dias para ver se tinha alguma alteração.” (Tomo de entrevistas da equipe, 2022, p. 264)

Assim como vários outros entrevistados que atuam nessa dupla-função – médicos em consultórios e hospitais públicos e/ou privados e pesquisadores –, a prática de Dênis resultava em estudos compostos por uma mescla de assistência clínica e a pesquisa científica. Como os bebês precisavam da avaliação de especialistas – neurologistas, oftalmologistas, gastroenterologistas etc. –, pacientes eram encaminhados para diferentes profissionais, muitas vezes sendo encaixadas fora das filas de espera comuns e, por vezes, ainda eram convidados para adentrarem nas pesquisas realizadas por estes profissionais.

O acesso facilitado a especialidades, terapias ou exames de menor disponibilidade no Sistema Único de Saúde (SUS) se tornou um objeto de barganha entre os pesquisadores e seus interlocutores, como uma espécie de contrapartida para a participação na pesquisa. Com essa compensação, aumentavam as chances para que ocorresse o fortalecimento daquilo que Epstein (2008) aponta como crucial para a relação entre pesquisadores e interlocutores: a confiança.

Algumas equipes cuja atuação era voltada para o atendimento em saúde montaram espaços especializados para realizar essa dobradinha atendimento/pesquisa em que os problemas de pesquisa surgiam do próprio cotidiano do atendimento clínico. Esse foi o caso da equipe coordenada por Bianca, médica sanitária entrevistada por Thais Valim e eu em maio de 2022 em sua sala na Faculdade de Medicina Social da UFPE. Bianca nos contou que o primeiro movimento realizado por sua equipe foi o de montar um ambulatório especializado na SCVZ no Hospital das Clínicas da UFPE, lá o recrutamento funcionava de dois modos: o primeiro, pela busca das famílias por atendimento especializado como sugerido no parágrafo anterior e o segundo a partir do que a médica chama de busca ativa.

A busca ativa de Bianca ocorreu de modo que as famílias fossem contatadas via telefone ou endereço a partir dos dados públicos de nascimentos na época, e convidadas

para que integrassem o ambulatório. Naquele espaço elas eram avaliadas por neurologistas, otorrinolaringologistas, pediatras, oftalmologistas, nutricionistas e, inclusive, uma equipe de serviço social que visava compreender os diferentes contextos em que aquelas famílias estavam inseridas. Desse modo, além de serem avaliadas e acompanhadas por diferentes especialistas, essas famílias eram recrutadas para as pesquisas encabeçadas pelos profissionais que as atendiam.

No entanto, apenas isso não era o suficiente, e muitas vezes as famílias, com o passar do tempo, passavam a abandonar os projetos de pesquisa. Maria Amélia, fisioterapeuta e professora na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), integrava uma equipe que tinha como objetivo atender às famílias a partir de um projeto de extensão e, por meio desse atendimento encontrar problemas para suas pesquisas. Até os dias atuais, a equipe de fisioterapia da UFPE realiza o acompanhamento e atendimento de crianças com a SCVZ, o que não é o caso da maior parte das pesquisas do Zika, que se encerraram dentro de dois ou três anos após o início.

A fisioterapeuta contou que, apesar de oferecerem terapia gratuita e uma possibilidade de construção de suas agendas científicas mais horizontalizadas, muitas mães desistiam da participação por empecilhos não pensados durante o desenho dos projetos de pesquisa. De acordo com Maria o problema não era a recusa durante o recrutamento, mas a dificuldade de manter esses sujeitos engajados na pesquisa:

Mas a recusa não era das mães, elas aceitavam, mas elas não permaneciam, por quê? Porque elas faziam o tratamento aqui, aí tinha uma vez na semana que iam para uma associação voltada para a defesa de direitos de pessoas com deficiência, de duas em duas semanas iam para uma instituição de saúde X, e por aí elas eram sobrecarregadas de mutirões até aquela época. (...) Porque as crianças cresceram, se tornaram mais pesadas e com mais necessidades, porque aos poucos... Porque a gente via antes como uma irritabilidade e como uma dificuldade de dormir, a dificuldade de se alimentar, dificuldade de segurar a cabeça se tornou convulsões, né?" (Tomo de entrevistas da equipe, 2022, p. 46.)

A permanência dos sujeitos nas pesquisas em andamento tem se mostrado uma tarefa difícil para os pesquisadores que logravam recrutar integrantes para seus projetos. Apesar de haver, em alguns poucos projetos científicos, um diálogo entre as associações de mães

de crianças com microcefalia e os pesquisadores, parece que, geralmente, o desenho das pesquisas não acompanhava a materialidade do cotidiano das mães.

Conclusão

A pesquisa em saúde depende do recrutamento de sujeitos de pesquisa, no entanto, para o estabelecimento dessa relação não há um manual ou um passo-a-passo que garanta a viabilidade das pesquisas. Ao longo da minha presença em Recife e, posteriormente, analisando os dados coletados por minhas colegas de equipe e eu, encontrei o recrutamento como um importante momento da formulação das Ciências do Zika. Apresentei ao longo deste *paper* algumas formas em que o recrutamento ocorreu, demonstrando também como essa investida científica desagradou possíveis sujeitos de pesquisa e ocasionou, junto a outros fatores, na desistência destes ao longo da duração dos projetos.

A falta de acesso a medicamentos específicos, tratamentos efetivos ou mesmo a informações básicas, levou grande parte das famílias a aceitarem pela participação em pesquisas clínicas. No entanto, me parece que, ao longo do tempo, essa contrapartida ao estudo clínico não se sustenta e alguns projetos viram um esvaziamento significativo nos seus quadros de participantes.

Como análise inicial, demonstrei uma parte da variedade de abordagens presentes entre os mais de oito projetos conhecidos pela equipe de antropólogas da UnB que integro, apontando para diálogos e caminhos teóricos que me permitirão realizar análises mais robustas não apenas relacionadas ao ato de recrutar, mas também o de manter sujeitos por tempo necessário para que as pesquisas ocorram.

Referências bibliográficas

BIEHL, João. Theorizing global health. **Medicine Anthropology Theory**, v. 3, n. 2, 2016.

CALLON, Michel. Some elements of a sociology of translation: domestication of the scallops and the fishermen of St Brieuc Bay. **The sociological review**, v. 32, n. 1, p. 196-233, 1984.

CASTRO, Rosana. **Economias políticas da doença e da saúde: uma etnografia da experimentação farmacêutica**. Hucitec Editora, 2020.

DINIZ, Débora. **Zika: do sertão nordestino à ameaça global**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2016.

EPSTEIN, Steven. The construction of lay expertise: AIDS activism and the forging of credibility in the reform of clinical trials. **Science, technology, & human values**, v. 20, n. 4, p. 408-437, 1995.

———. The Rise of 'Recruitmentology' Clinical Research, Racial Knowledge, and the Politics of Inclusion and Difference. *Social Studies of Science*, v. 38, n. 5, p. 801-832, 2008.

FISHER, Jill A. **Pharmaceutical paternalism and the privatization of clinical trials**. Rensselaer Polytechnic Institute, 2005.

FIDLER, David. Architecture amidst anarchy: global health's quest for governance. **1 Global Health Governance**, 2007.

FLEISCHER, Soraya; LIMA, Flávia. **Micro: contribuições da antropologia**. Brasília: Athalaia, 2020.

FLEISCHER, Soraya. Fé na ciência? Como as famílias de micro viram a ciência do vírus Zika acontecer em suas crianças no Recife/PE. **Anuário Antropológico**, v. 47, n. 1, p. 170-188, 2022.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. Editora Unesp, 2000.

LESSER, Jeffrey; KITRON, Uriel. A geografia social do Zika no Brasil. **Estudos avançados**, v. 30, p. 167-175, 2016.

MATOS, Silvana Sobreira; DA SILVA, Ana Cláudia Rodrigues. “Nada sobre nós sem nós”: associativismo, deficiência e pesquisa científica na Síndrome Congênita do Zika vírus. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 22, n. 2, p. 132-168, 2020.

SIMAS, Aissa. **Ciência, saúde e cuidado: Um estudo antropológico sobre a pesquisa clínica no contexto da epidemia do Zika (Recife/PE)**. Monografia [Bacharelado em Antropologia]. Brasília: Universidade de Brasília, 2020.

SIMÕES, Mariana Alves. **"Você é da saúde?": uma etnografia das relações biomédicas com médicos, cientistas, terapeutas e famílias na epidemia de Zika em**

Recife/PE (2016-2019). Dissertação de Mestrado. Brasília, Universidade Federal de Brasília, 2022.

VALIM, Thais Maria Moreira. **Um olhar antropológico sobre a sociabilidade de bebês nascidos com a Síndrome Congênita do Zika Vírus em Recife/PE: “ele sente tudo o que a gente sente”.** Monografia [Bacharelado em Antropologia]. Brasília: Universidade de Brasília, 2017.

VALLE, Isadora Sipp. **"Fome de pesquisador": o artigo científico como sistema de verdade sobre a epidemia de vírus Zika em Recife/PE.** Monografia [Bacharelado em Antropologia]. Brasília: Universidade de Brasília, 2023.